

The image shows a close-up of a wooden surface, likely part of a church's sacristy. The wood is painted with vibrant blue and red colors. There are intricate gold leaf decorations, including a large, ornate scrollwork design at the top and bottom. A prominent horizontal crack runs across the middle of the blue-painted section. Several small, dark, circular holes, possibly from insect damage, are visible on the blue surface. The text is overlaid on the blue-painted area.

Na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Guia no Museu de Angra do Heroísmo
Intervenção multidisciplinar
vence Prémio APOM
em Conservação e Restauro



Em memória de Carlos Pinheiro
e António Neves.



A intervenção realizada pela equipa técnica da Direção Regional da Cultura, através da Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico – DPMIA, na sacristia da igreja do antigo Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo (atualmente integrada no circuito museológico do Museu Angra do Heroísmo), concluída em 2018, foi galardoada com o Prémio APOM 2019, na categoria “Intervenção em Conservação e Restauro”, o qual distingue projetos inovadores naquela área.



Aspeto geral do teto em 2006, antes da intervenção: com estrutura de escoramento, caixões com componentes em risco de queda, perda de elementos, pregos em corrosão ativa.



Parmenor da fase de levantamento: douramento e policromia em desagregação, pregos em corrosão ativa.

Texto: **Jorge Paulus Bruno** | DRC | Diretor do Museu de Angra do Heroísmo | **Ana Nascimento, Diana Gonçalves dos Santos, Paula Romão** | DRC | DSP | DPMIA, **José Luís Neto** | DRC | DSP | Chefe de Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico
Fotos: **José Guedes da Silva** | DRC | DSP | Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico

A Intervenção

O antigo Convento de São Francisco de Angra do Heroísmo, onde se instalou o Museu de Angra do Heroísmo em 1969, foi um dos edifícios seriamente afetados pelo sismo de 1980, pelo que a instituição se viu obrigada a encerrar as suas áreas mais danificadas. Em 1991, iniciaram-se as obras necessárias, inaugurando parcialmente em 1997, e quase totalmente em 2000. Na área da Igreja, dedicada a Nossa Senhora da Guia, a antiga sacristia permaneceu encerrada até 2006, ano em que se deu início à intervenção que abrangeu todo o

conjunto dos seus bens móveis e integrados.

Os trabalhos, complexos e morosos, envolveram um total de 15 técnicos de Conservação e Restauro, sendo realizados faseada e intermitentemente, dadas as múltiplas solicitações desta mesma equipa em todas as nove ilhas do arquipélago.

A intervenção começou pelo teto de 32 caixotões, em talha dourada e policromada, o qual, em 2006 (fotografias ao lado e em cima), preservava as más condições estruturais advindas do terramoto, encontrando-se escorado, com múltiplos compo-



Na fase de levantamento, procedeu-se a exame sob luz normal (à esquerda) e a exame com luz ultravioleta (à direita), evidenciando a existência de uma camada de pintura sob o repinte azul que cobre o fundo de todos os caixotões.



À esquerda: Detalhe de duas tábuas de um caixotão, após a desmontagem, em que se observam a madeira de cedro, os pregos em corrosão ativa e as manchas de compostos de ferro em redor dos pregos, o repinte azul e, na parte superior, a camada de policromia original; à direita: Srasão franciscana da área central do tecto, após a desmontagem.



À esquerda: intervenção ao nível do suporte de madeira, com consolidação e preenchimento de lacunas; à direita: Caixotão em fase de intervenção no suporte de madeira, através da união das tábuas, após separação e tratamento de cada tábua.



Detalhes da intervenção no suporte de madeira: extração de prego, seguida de limpeza da área de madeira manchada com óxidos de ferro (à esquerda); Aplicação de adesivo (ao centro); Colocação de bucha de madeira (à direita).

nentes em risco de queda, com perda de materiais, elementos metálicos de fixação (pregos) em corrosão ativa, e fragmentos soltos sobre o mesão do arcaz. Perante este cenário, deu-se início ao levantamento do estado de conservação do teto, através de registo e diagnóstico¹, passando-se à fase de fixação prévia e de desmontagem total, prosseguindo-se com o tratamento do

suporte, preenchimento de lacunas e entalhe, e tratamento do ouro e da policromia. A remontagem iniciou-se com a construção de uma nova estrutura e a recolocação dos caixotões, finalizando-se com a sua proteção (processo ilustrado nesta e na página anterior).

No arcaz, em madeira de jacarandá, principiou-se com a proteção dos seus ele-

Os trabalhos, complexos e morosos, envolveram um total de 15 técnicos de Conservação e Restauro, sendo realizados faseada e intermitentemente (...).



À esquerda: Caixotão em fase de intervenção, através de limpeza química das camadas de douramento e de policromia; ao centro: Construção da estrutura de suporte para remontagem do teto; à direita: Montagem dos caixotões.



Em cima, à esquerda: Aspecto geral do arcas em 2008, antes da intervenção; à direita: Formejar de uma das gavetas do arcas antes da intervenção. Em baixo, à esquerda: Intervenção ao nível do suporte de madeira dos elementos constituintes do arcas; à direita: Formejar da intervenção de consolidação do suporte de madeira.

mentos dourados e procedeu-se ao tratamento do suporte de madeira e dos elementos em talha dourada. Construiu-se uma nova estrutura e montaram-se todos os seus elementos, considerando a musealização futura daquele interior, deixando fundos de acrílico incolor na área de tardo correspondente às duas primeiras gavetas, de modo a permitir a visualização dos elementos em pedra encontrados na parede

de suporte do arcas, durante a obra de preparação das superfícies murárias, correspondentes a estruturas arquitetónicas de preexistências do espaço conventual. Estes elementos foram alvo de registo arqueológico cuidado, comprovando a mais-valia da pluridisciplinaridade das equipas intervenientes neste tipo de trabalhos (processo ilustrado nas fotos que constam nesta e na página seguinte).



À esquerda: Conjunto de elementos em talha dourada do nicho e remates do espaldar do arcas, após a desmontagem e antes da intervenção; à direita: Formejar da intervenção, ao nível do suporte de madeira, de um dos elementos de remate do espaldar do arcas: entalhe de elemento em talha.



À esquerda: Execução de elementos de madeira em falta, e aplicação de camada de preparação nas áreas novas e nas lacunas;
à direita: Após douramento das áreas novas e das lacunas.



À esquerda: Pormenor da área correspondente às duas primeiras gavetas do arcoz com uso de fundo acrílico incolor para visualização do nicho de pedra na parede; à direita: Pormenor da carcadura entalhada aplicada no perímetro da intradorso do nicho.



À esquerda: Execução de elementos de madeira em falta e aplicação de camada de preparação nas áreas novas e nas lacunas;
à direita: Após douramento das áreas novas e das lacunas.



À esquerda: Aspecto geral das paredes e pavimento após a desmontagem do arcoz; à direita: Registo arqueológico das estruturas arquitetónicas de preexistências ao espaço conventual.



Nas duas fotos à esquerda: Lavabo esculpido antes da intervenção, com extensa colonização por algas e fungos, e após a desinfecção e limpeza química (Fotos: Paulo Lobão [DRC] MAH). Nas duas fotos à direita: Pintura decorativa aplicada nos elementos arquitetónicos em pedra, no caso, numa piastra do intradorso antes da intervenção e nas ombreiras e lintel de porta, após a intervenção (Fotos: Manuela Neves e Marta Inácio [DRC] DSP [DPMIA]).

O lavabo, em pedra vulcânica esculpida, e as policromias do arco e ombreiras das portas e janelas tinham em comum uma extensa e espessa camada de algas e fungos, sendo objeto de desinfecção, limpeza e proteção (ver fotos em acima).

Os bens móveis existentes – crucifixo indo-português, em madeira e marfim, caixa e quatro braços relicário – após a sua limpeza, consolidação e proteção, foram devolvidas ao nicho central do arcaz (ver fotos abaixo).



Bens móveis do nicho central do espaldar do arcaz após a intervenção. À esquerda: Crucifixo indo-português; à direita, em cima: Caixa relicário; em baixo: Braços relicário.



À esquerda: Antes da intervenção, no local, em armários de parede; à direita: Fase final de intervenção.



Antes da intervenção nos armários laterais do arcaz (à esquerda) e após a intervenção (à direita).

Foram ainda intervençionados os armários, dois existentes a cada lado do arcaz e três embutidos nas paredes laterais (ver fotos na presente página). Neste âmbito, ocorreu uma importante descoberta, que muito contribuiu para a datação do con-



Armários de parede antes da intervenção (à esquerda) e após a intervenção (à direita).



Manuscrito encontrado no interior do armário localizado à direita da porta de entrada (acesso pela antessacristia) [Foto: Noelia Garcia] (DRC | DSP | DPMIA).

Item Anno de 1745 ao 20 de Junho /
Se fixou esta obra a Mestre Manoel /
de Almeyda por tudo mandou /
Fazer o Padre Frei António de São Luis /
se[u] escrevão mayor. /
e Frei Mathias de Santo Antonio /
Frei Mathias da Anunciada /
Mentor de toda //

(Transcrição do documento por Carla Deyesa Rodrigues)

Legenda:

1 - Sinal da cruz (+) a finalizar a linha
itálico: desenvolvimento de palavra abreviada
Sinal /: indicador de fim de linha
Sinal //: indicador de fim de fôlho

Numa intervenção multidisciplinar, que envolveu, para além da Conservação e Restauro, a Arqueologia e a História da Arte, foi aquele espaço devolvido à fruição pública a 17 de março de 2018 (...).

junta: encontrou-se, no interior de um armário, um documento manuscrito, datado de 20 de junho de 1745, revelando a identidade do mestre que operou a montagem da obra (Manoel de Almeyda) e seus encomendadores? (ver foto acima). Esta impor-

tante fonte primária para a História da Arte foi também tratada, procedendo-se ao seu exame organoléptico, limpeza mecânica, lavagem, preenchimento de lacunas, proteção final e acondicionamento com vista à integração no acervo do museu.



Elementos do esquadro que integra painéis em pintura, localizado na parede oposta ao arco, antes da intervenção, com as várias componentes desmontadas com as respetivas etiquetas de marcação.



À esquerda: Antes da intervenção na pintura São João do Prado, integrada no espaldar da parede oposta ao arcaz, com fotografia sob luz rasante, evidenciando as deformações do suporte de tela; ao centro: Antes da intervenção, com fotografia sob radiação ultravioleta, mostrando que o camado pictórico se apresenta praticamente no seu estado original; à direita: Após a intervenção, antes da sua replicação na estrutura do espaldar.



Aspecto geral do espaldar da parede oposta ao arcaz, após a intervenção, com as três pinturas: São Francisco de Assis, Conversão de Santa Clara e São João do Prado (da esquerda para a direita).

Em 2018, a intervenção ficou concluída com a colocação dos armários, e a proteção final de todas as madeiras, e termo dos trabalhos no espaldar existente na parede oposta à do arcaz principal, incluindo as três pinturas sobre tela que o decoram.

Numa intervenção multidisciplinar, que envolveu, para além da Conservação e Restauro, a Arqueologia e a História da

Arte, foi aquele espaço devolvido à fruição pública a 17 de março de 2018, pela sua integração no percurso museológico do Museu de Angra do Heroísmo. Em 2019, reconhecendo a recuperação realizada, a Associação Portuguesa de Museologia (APOM) premiou-a como relevante intervenção em Conservação e Restauro, consumada em Portugal, no ano de 2018.

A Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico

A Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico integra a Direção de Serviços de Património da Direção Regional da Cultura, organismo do Governo Regional dos Açores, localizando-se em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. Iniciou-se em 1980 como Centro de Estudo, Conservação e Restauro de Obras de Arte (CECROA), anexo ao Museu de Angra do Heroísmo, onde já existia como oficina de apoio ao tratamento de objetos de madeira e metal.

A partir de 1991, a instituição adquiriu um novo estatuto e nomenclatura – Centro de Estudo, Conservação e Restauro dos Açores (CECRA) – passando a ter instalações próprias e iniciando, no ano seguinte, um programa de formação técnico-profissional de Conservação e Restauro, para complementar carências de pessoal especializado nos seus quadros.

Nos anos seguintes, o CECRA assumiu um papel relevante como entidade formadora e como serviço externo da Direção Regional da Cultura, desenvolvendo a sua

atividade na área da Conservação e Restauro dos bens públicos ou privados com especial valor para o património cultural da Região, incluindo a intervenção nos bens móveis dos Museus Regionais e de Ilha, da Diocese de Angra, das Misericórdias e de outras Irmandades.

Em 2006, o Governo Regional determinou a extinção do organismo, enquanto entidade autónoma, integrando as suas competências na Divisão do Património Móvel e Imaterial (DPMI).

Renomeada Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico (DPMIA) em 2013, esta tem vindo, em particular nos últimos três anos, a recentrar a sua ação, no que à área de Conservação e Restauro diz respeito, nos museus, bibliotecas e palácios do Governo Regional dos Açores. Exemplo dessa redefinição estratégica foi a intervenção que presentemente se dá a conhecer, mostrando que é através de uma estreita colaboração entre os serviços públicos que se conseguem levar a bom porto os grandes desafios que às instituições culturais se colocam.

Ficha Técnica da Intervenção

Treatmento das madeiras (teto, arcaz principal, armários e espaldar): António Neves, Carlos Pinheiro (Coordenação), Joaquim Fraga, José Paulo Cordeniz (Coordenação), Orlando Freitas, Paulo Silveira, Renato Carceniz.

Treatmento do ouro e das policromias (teto, espaldar do arcaz): Isabel Feijão (Coordenação), Joana Dharma, Manuela Neves, Marta Inácio.

Treatmento do lavabo e das pinturas murais: Manuela Neves, Marta Inácio, Paula Romão.

Treatmento do crucifixo e do caixilho e braços relicário: Eugénia Silva.

Treatmento das pinturas sobre tela do espaldar: Raúl Gregório.

Treatmento do documento manuscrito: Elisabet Carvajal, Noéla Garcia.

Documentação fotográfica: Elisabet Carvajal, José Guedes da Silva, Manuela Neves, Noéla Garcia, Orlando Freitas, Rodrigo Carvalho.

Levantamento: Carlos Pinheiro, Eugénia Silva, Isabel Feijão, Joaquim Fraga, José Paulo Cordeniz, Manuela Neves, Marta Inácio, Paula Romão.

Análises laboratoriais: Instituto Português de Conservação e Restauro/Departamento de Estudo de Materiais.

Notas

¹ Do exame à vista desarmada e com recurso a radiação ultravioleta, verificou-se que os fundos dos caixilhões foram cobertos por um repinte de cor azul, aplicado sobre uma composição original de motivos vegetais – duas camadas confirmadas pelo exame estratigráfico de amostras recolhidas e analisadas pelo então Instituto Português de Conservação e Restauro. Ponderadas as possíveis opções de intervenção, e considerando a dureza, espessura e adesão do repinte à camada original, entendeu-se que a remoção ou levantamento do mesmo poderia pôr em causa a integridade do extrato subjacente.

² O documento foi transcrito em 2017, pela historiadora Carla Devesa Rodrigues, técnica superior do MAH.